



# REPRESENTAÇÕES E IDENTIDADES DE GÊNERO: “SER MULHER” NO CAMPO DE FUTEBOL<sup>1</sup>

Valleria Araujo de Oliveira<sup>2</sup>

## RESUMO

*Este trabalho apresenta-se como uma etnografia, e teve como objetivo investigar como as identidades de gênero das jogadoras de futebol que praticam essa modalidade como lazer em um espaço na cidade de Goiânia, Goiás, são vivenciadas e percebidas. A análise dos dados coletados a partir da observação participante, questionários e entrevistas, possibilitaram compreender como as questões de gênero são fortemente marcadas no campo de futebol e como essas jogadoras atuam neste espaço/lugar.*

*PALAVRAS-CHAVE: Futebol praticado por mulheres; Subjetividades; Identidades de gênero.*

## 1 COMPREENDENDO UM LUGAR DE DIVERSÕES PARA MULHERES CHAMADO CAMPO DE FUTEBOL

Este trabalho é um recorte do trabalho de dissertação de mestrado, a qual abordou como as identidades de gênero das mulheres jogadoras de futebol como lazer são percebidas e vivenciadas em dois espaços, na cidade de Goiânia, Goiás. Entretanto, esse recorte restringe-se apenas a um desses espaços - *Brazil Escola de Futebol*<sup>3</sup>.

Buscou-se então compreender como se dá a identificação dessas praticantes e como o olhar do outro (a) interferiu/interfere na construção do “eu” - das identidades dessas jogadoras. Para identificar minhas interlocutoras e interlocutores ao longo do trabalho, utilizei pseudônimos.

O futebol praticado por mulheres foi proibido no Brasil entre os anos de 1940 a 1970 e, durante esse período, era permitido apenas para os homens, sendo a arquibancada o único lugar permitido a elas.

Durante a pesquisa de campo foi possível perceber resquícios desses 30 anos de proibição somados a séculos da “dominação masculina”. Nesse local, o único grupo de mulheres que pratica o futebol é o das interlocutoras desta pesquisa, de modo que a presença de demais mulheres neste espaço se restringe apenas à “arquibancada” e a funcionárias - “*Vocês são as únicas mulheres que jogam aqui (as únicas?) Sim, nunca apareceu mais nenhum outro grupo procurando quadra pra alugar*” (Fábio - proprietário do espaço).

Segundo Miguel e Rial (2012, p. 160), até meados da década de 60, “o lugar especial reservado às mulheres no esporte era as arquibancadas. [...] mesmo

1 FAPEG-GO; edital 001/2012; Processo: 201210267000383

2 Universidade de Brasília (UNB), [valleria.a.oliveira@gmail.com](mailto:valleria.a.oliveira@gmail.com)

3 Espaço destinado à iniciação esportiva e aluguel para fins de lazer ou campeonatos.

tornando-se o esporte mais popular do país, o futebol exclui do campo as mulheres por décadas (MIGUEL e RIAL, 2012, p. 160).

As relações de exclusão das mulheres nos espaços esportivos apontavam que as proibições de algumas práticas esportivas se davam pela “incompatibilidade” da natureza dos corpos com as modalidades. Entretanto, Rial (2012, p. 3) rebate essa perspectiva dizendo que é um “argumento biológico dos mais refutáveis, pois constatação simples, os órgãos reprodutivos da mulher são internos, ao contrário dos homens, que são externos ao corpo, e, objetivamente, estariam em maior risco com a prática do futebol”.

As regras institucionalizadas das modalidades esportivas dividem homens e mulheres nessas práticas, intitulando-as como masculinas e femininas, respectivamente. Entretanto, apoiada no referencial teórico que traz gênero como um constructo social, refiro-me, neste trabalho, ao “futebol jogado por mulheres”.

## **2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: NOTAS DE UMA JOGADORA / ANTROPÓLOGA**

Esta pesquisa caracteriza-se como essencialmente etnográfica e a coleta de dados se deu através da observação participante, aplicação de questionário e entrevista realizadas com 4 frequentadores (as); e 16 jogadoras com idade entre 19 e 37 anos.

Como integrante do grupo das jogadoras de futebol, tive questões fundamentais durante a observação participante, como também nas análises dos dados. Desse modo, esta pesquisa teve como norte a perspectiva apontada por Cardoso de Oliveira (1988), na qual é retratada a importância da relação entre o “estar lá e estar aqui” ligados ao conhecimento do referencial teórico da pesquisadora, isto é, um “estar lá” no campo de pesquisa com um olhar e ouvir disciplinado, intencional e direcionado pela teoria, e um “estar aqui” no processo da escrita - trabalho de significação, de interpretação.

Sendo assim, os principais referenciais teóricos para trabalhar com as temáticas centrais desta pesquisa foram: Subjetividades (KATHRYN WOODWARD, 2000); identidade/ identificação (HALL, 2011); identidade de gênero (GROSSI, 1998); futebol e mulheres (MIGUEL; RIAL, 2012); Lazer (MARCASSA, 2003); sociabilidade (ALCÂNTARA JUNIOR, 2005)

Durante a observação participante, atentei-me para situações em campo que antes para mim eram percebidas como “corriqueiras”, “engraçadas”, que faziam parte do grupo de jogadoras, pois como jogadora era assim que eu as observava, ou melhor dizendo, não observava.

Assim, como metodologia, a coleta de dados se deu através da observação participante, ou “participação observante<sup>4</sup>”, onde vi, ouvi, vivi e senti como jogadora e que aprendi a observar como antropóloga.

## **3 “SER MULHER” NO CAMPO DE FUTEBOL: PERCEPÇÕES EM FOCO**

As proibições, contradições e violências simbólicas decorrentes de uma cultura que oprime as mulheres permeiam o futebol praticado pelas interlocutoras desta

---

4 WACQUANT, 2000.

pesquisa devido à herança cultural, seja de forma velada ou direta entre as jogadoras, bem como por parte dos frequentadores desse espaço.

Para as jogadoras, de modo geral, o preconceito com mulheres que jogam futebol está relacionado à estereótipos: “todo mundo acha que mulher que joga futebol é sapatão, masculina. As pessoas olham a gente de olho torto, olha de cima em baixo, tem bastante preconceito. Até entre a gente mesmo tem umas brincadeiras, comentários”. Essa necessidade de marcar o sujeito pertencente a um grupo, no caso das interlocutoras, se faz presente a todo momento através das relações jocosas<sup>5</sup> – brincadeiras permitidas.

Os interlocutores e as interlocutoras desta pesquisa relacionaram as identificações de gênero das jogadoras de acordo com o vestuário, acessórios, maneira de andar e agir, assim como a estrutura muscular das jogadoras através de comentários pejorativos e/ou da jocosidade entre as jogadoras em suas autorreferências: *periguete*<sup>6</sup>, *mulherzinha*<sup>7</sup> e *sapatão*<sup>8</sup> – as significações das autorreferências foram descritas pelas jogadoras.

Ao abordar sobre mulheres que praticam esportes, a mídia “naturaliza” o que é “norma” e vincula a construção social do “ser mulher” ao “ser feminina”, na qual a vaidade e a feminilidade não podem cair no esquecimento das esportistas.

A interlocutora Regina relata que já sofreu preconceito por jogar futebol, mas afirma que, no seu dia a dia, se ninguém sabe que é jogadora, não há preconceito, pois seu vestuário e modo de agir correspondem às expectativas sociais de uma mulher feminina.

A percepção das jogadoras com relação ao preconceito está relacionada à fuga da heteronormatividade, de modo que essa percepção se faz especialmente direcionada às suas indumentárias: “*Você pode até ser homossexual, mas não pode parecer uma*” (Amanda).

[...] às vezes tenho vontade de me vestir mais à vontade, roupas largas, mas tive que me conter e aprender a vestir mais feminina. Tem que ser mais mulézinha, ainda mais depois que você vira lésbica (Amanda)

Quando jogo futebol com alguns grupos de mulheres, sempre vejo a relação entre o “ser feminina” ou “ser masculina” nos jogos, assim como a maneira e os modos com os quais as jogadoras se autorreferenciam, e como os homens ou mulheres que frequentam esses espaços observam e comentam sobre essas mulheres.

No *Brazil Escola de Futebol*, para além da sociabilidade entre as jogadoras, percebi essa relação também das jogadoras com os frequentadores que dividiam o mesmo jogo com elas, pois quando faltava mulheres para completar os times, os frequentadores que permaneciam ali no espaço eram convidados pelas jogadoras para se juntarem a elas.

5 GASTALDO, 2010.

6 Periguete: uso demasiado da sensualidade, maquiagem, roupas e acessórios que exalam feminilidade, o qual é dita com um caráter pejorativo para definir quem fazem uso do vestuário e do modo de agir para a sedução.

7 Mulherzinha: vinculada a uma extrema feminilidade, à delicadeza e fragilidade.

8 Sapatão: mulheres masculinas que usavam roupas largas, boné, andado sem rebolado e comportamento mais agressivo.

Para as jogadoras, a maneira como os frequentadores as percebiam estava diretamente ligada ao preconceito e/ou à fetichização sexual deles para com elas.

[...] tem uma parte que fala: “nossa, o quê que é isso, joga demais, parabéns”. Tem uns que já tem preconceito justamente por algumas serem masculinizadas, e tem outros que ficam olhando pra perna falando: “puta que pariu que gostosa”. Tem esses três tipos. (Luiza)

À respeito dessa percepção e olhar dos frequentadores, Fábio relata que: *“assim, os caras acham até uma diversão mesmo ver a mulherada jogando bola. Tem uns que ficam “ô gostosa”. Eu até achei que vocês pararam de vim aquele tempo por causa disso e falei pros caras pegarem mais leve e tal, que tem que respeitar.”*

Assim, também em entrevistas com os frequentadores, pude perceber que as jogadoras eram consideradas de “companheiras de jogo à corpos desejáveis”, de modo que os estereótipos do feminino e masculino eram reforçados a todo momento, cujas mulheres que se encaixavam no padrão de feminilidade eram corpos desejáveis, e as mulheres que tinham características denominadas como masculinas eram consideradas companheiras de jogo.

Ah, já ouvi piada demais... Se eu ouvia quando eu estava perto, imagina quando a gente tava longe. Não por conta do futebol, mas por conta de presenças específicas. A que lembro de ouvir, foi a ver da Diana (Mas por quê? Por que você acha que acontecia?) Porque ela era mais masculina e por conta da caracterização e do somatotipo dela, mas também por causa do jeito dela (risos ) fazia gol e saía pulando na grade, saía pulando... como eu posso dizer, fazia barra na trave do gol, ela conseguia fazer o que maioria dos homens ali não conseguiam fazer. (E com relação as mais femininas?) Ali você via muito... quando a gente ganhava, os caras ficavam, nossa, que menina bonita, arruma ela pra mim.. aí eu falava: cara.. mas.. num tem jeito (risos). (Elen)

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os interlocutores (as) desta pesquisa relacionaram as identificações de gênero às indumentárias, a orientação sexual, a maneira de andar e agir, assim como a estrutura muscular das jogadoras, de modo que os comentários estavam direcionados de maneira preconceituosa e machista, ou através das relações jocosas entre as jogadoras e autorreferências ligadas aos dois grandes modelos de identidade de gênero<sup>9</sup>- masculino e feminino.

Os preconceitos com relação a identidade de gênero, nesta pesquisa, mostra que está diretamente relacionado à representação das jogadoras direcionadas a fuga da heteronormatividade, pois àquelas que se indentificam com o gênero feminino relataram não sofrerem preconceitos, independete da orientação sexual. Em contrapartida, àquelas que se disseram se sentir masculinas, relataram ter sofrido preconceito, também indenpendente da orientação sexual.

Não encontrei neste campo de pesquisa jogadoras cujas identidades fossem fixas. Encontrei identidades que transitavam entre o feminino e o masculino, ou identidades que se autorreferenciavam como predominantemente masculinas, mas ora femininas; ou predominantemente femininas, mas ora masculina.

<sup>9</sup> GROSSI, 1998, p.12.

## REPRESENTATIONS AND GENDER IDENTITY: “WOMAN BE” ON SOCCER FIELD

*ABSTRACT: This work presents itself as an ethnography, and aims to investigate how the gender identities of the women's soccer players who practice this modality as leisure at on place in Goiânia, Goiás are experienced as seen in these place. The analysis of the data collected from the participant observation, questionnaires and interviews, made it possible to understand how gender issues are strongly marked on the soccer field and how these players act in this space / place.*

*KEYWORDS: Soccer practiced by women; Subjectivities; Gender identity.*

## REPRESENTACIÓN Y IDENTIDAD DE GÉNERO: “MUJER ESTAR” EN CAMPO DE FÚTBOL

*RESUMEN: Este trabajo se presenta como una etnografía, y su objetivo era investigar cómo las identidades de género jugadoras de fútbol que practican este deporte y ocio en un espacio en la ciudad de Goiânia, Goiás, que son experimentados y percibidos. El análisis de los datos de la observación participante, cuestionarios y entrevistas, hizo lo posible para entender cómo las cuestiones de género están fuertemente marcados en el campo de fútbol y cómo operan estos jugadores en este espacio / lugar.*

*PALABRAS CLAVE: fútbol practicado por las mujeres; subjetividades; Las identidades de género.*

## 5 REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA JUNIOR, José. O conceito de sociabilidade em Georg Simmel. **Ciências Humanas em Revista** - São Luís, v. 3, n.2, dezembro 2005.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. “O Trabalho do Antropólogo: Olhar, Ouvir, Escrever”. In: **O trabalho do antropólogo**. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora UNESP, 1988. p. 17-35.

GASTALDO, Édison. As relações jocosas futebolísticas: Futebol, sociabilidade e conflitos no Brazil. **MANA** 16 (2): 311-325, 2010.

GROSSI. Mirim Pillar. Identidade de gênero e sexualidade. **Antropologia de Primeira Mão**. Florianópolis, 1998. p. 1-18.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

MARCASSA, Luciana. As faces do lazer: categorias necessárias à sua compreensão.

CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 13., 2003b, Caxambú. **Anais...** Caxambu: CBCE, 2003. CD ROM.

MIGUEL, Raquel de Barros; RIAL, Carmem. “Programa de mulher”. In: **Nova história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2012.

RIAL, Carmen. Futebol praticado por mulheres no Brasil: paradoxo do doxa. **Goethe-Institut Brasilien**, dezembro de 2012

WACQUANT, Loïc. **Corpo e Alma: Notas Etnográficas de um Aprendiz de Boxe**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.